



# O Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário \* 30 de Outubro de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 1008 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

● Madre Teresa de Calcutá esteve entre nós. É tão difícil falar dela! Torna-se mais fácil meditar...

Um grande barracão. As filas de moribundos nos catres alinhados. Outros, no chão. Madre Teresa se debruça. Procura dar alívio. Já não cabe a esperança. Só um pouco de ternura. Os olhares embaciados já não a distinguem bem... Montanha de neve! Flor singela! Rio que passa! E morrem. Ela volta ao princípio das filas. Já outros esperam. Não quer perder uma agonia..., pois é o Senhor — agonizante em cada um.

● Impressionou-me, profundamente, a solidão dum amigo meu. Sozinho no deserto! Entre os homens... é o deserto — pai e filho da solidão.

Água do poço artesiano que cada um de nós, quotidianamente, perfurou. E nós a geramos, sabendo embora que ela nos mastiga e esvazia.

Inebriados pelo fascínio da técnica!

Possuidores dos bens! A nossa mão, todos os prazeres!

Mas tão vazios de Deus! E só Ele liberta e impede que o deserto seja no nosso coração.

● A corrida e a dureza da vida, pouco a pouco, matam a alegria de estar. Não deixam tempo para os Outros, para os próprios filhos. Tapam a visão das flores. Muito menos damos conta das estradas de luz que os poentes bonitos traçam no mar. E para lá dos poentes, o infinito das estrelas! Como no fim de todos os nossos passos, a Eternidade. Que espinho tão doloroso — o pensamento da Eternidade — não tendo Fé nem Esperança!

● Que precisamos nós para termos paz e ficarmos libertos do peso do Mundo?

Cada um ouvir e aceitar a Palavra de Deus. Nela, as sementes do Amor, da Paz e da Liberdade. Ela nos enca-

■ Era o Dia da República. A tarde de Outono cheirava a uvas colhidas, apesar do feriado nacional. Tanta gente que não sabe ainda o que são feriados ou férias: muitos agricultores, por exemplo! Outros há que, ao seu descanso, dão também um lugar para os Outros:

Recebemos a visita de uma família de Matosinhos — pais e filhos. Ao subirem as escadas para o escritório de Pai Américo, na casa-mãe, faziam lembrar uma excursão de gente. Não pela quantidade de pessoas, mas pela Força que os movia de ver e sentir os Outros! Gente da beira-mar; comuni-

cativa, interessada, habituada a lutar e a vencer as ondas das marés!...

— Têm recebido muitas ajudas?

— Sim, muitas...

Aquele nosso Amigo continua por aí fora! — Parece-me que, hoje, há fome de humanidade... As pessoas estão a cansar-se de ver desumanidades...! Precisam de ver isto e ajudar!

Uma visão positiva do Mundo, das pessoas. Hoje há necessidade urgente de vermos assim o nosso Mundo; e até o dos efeitos contrários da mesma causa!

Com esta visão, sem lentes especiais, a conversa segue o mesmo rumo:

— Tenho andado por todo o Mundo... Mas sempre ansioso por voltar a casa — ao meu País! É um paraíso e um sossego comparado com outros!...

minha para a descoberta de Deus, de nós mesmos e dos Outros.

... Madre Teresa continua a ronda dos catres.

A seguir às filas de moribundos — somos nós:

Os que vivemos no deserto, ou afadigados pela dureza da vida, ou sem fé no coração — que esperamos, cheios de sede, umas gotinhas de ternura.

Padre Telmo

## PARTILHANDO

É um homem ligado ao comércio do peixe. Viajado. Amigo do seu e nosso País. Sabe dizer bem daquilo que é seu, ao contrário de tantos de nós... que só dizemos mal! Gostar de si, dos seus, do que é seu, é virtude rara em tantos de nós, portugueses. Por isso, gostei de ouvir!

— Doravante, vamos dar-vos uma certa quantidade de peixe fresquinho — conclue aquele nosso Amigo.

Que bom! A família inscreveu-se assinante de O GAIATO. Compraram muitos livros editados pela nossa Editorial, que passaram logo entre os filhos — ainda crianças — de mão em mão para que leiam e vejam...

Eis uma família que quer ser também da nossa! Deus vos ajude pelo mar da vida fora.

Cont. na 3.ª página

## AQUI, LISBOA!

«Culpe-se gravemente (cada Rapaz) em sua consciência se por sua causa a Comunidade haja de vir a sofrer em seus interesses morais ou materiais, sendo certo que o mal praticado por um dos membros, macula e prejudica a Comunidade inteira.» (Pai Américo)

Dizíamos no outro dia que autonomia não é separação ou independência, nem tão pouco segregação, supondo solidariedade e convergência para o bem-comum e impondo participação activa em tarefas comuns, ou sociais, segundo as capacidades ou os dons de cada qual. Educar é formar para a responsabilidade e para a partilha progressiva, quer na ordem moral quer no aspecto material. O bem ou o mal praticados por qualquer membro do agregado repercutem-se em toda a vida familiar. O todo é formado pelas partes.

As vezes, por egoísmo ou por distração, os homens, adultos e jovens, esquecem a sua essencialidade e gravitam na periferia de si próprios, sem entrarem em si mesmos, lugar onde se põem as questões fundamentais da vida e onde se forjam as respostas autênticas e decisivas. Daí os desajustamentos, as guerrilhas, o desinteresse e até os ódios ou as malquerenças, tornando a famí-

lia um local infernal, que é a sua própria negação.

Os interesses morais e materiais defendem-se pelo comportamento individual e do grupo. Ninguém está dispensado do seu contributo, no respeito, na verdade, na prática da justiça e na vivência do amor, no espírito de compreensão e de tolerância, certos que a unidade só se construirá num pluralismo autêntico, que todos são diferentes.

Deve ser num clima natural de confiança e de amor que os filhos deverão dar contas da sua vida e os pais terão de partilhar as suas experiências, ansiedades ou preocupações, convidando-se uns aos outros a viver em clima de abertura. Uma casa de família não pode ser uma hospedaria, onde as pessoas até se encontram às vezes sem se saudarem tão pouco.

Quando os filhos começam a ganhar há, não raro, uma

Cont. na 3.ª página



O Calvário (em Beire — Paredes) é um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no Mundo estes nomes, estas ideias, estas Obras de sabor divino. Um lugar onde cada Padecente leve, sim, mas não arraste, a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao Incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer? Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas. Não podemos aiosamente alegar ignorância, porquanto os diários costumam dar a notícia do homem e da mulher que, agora e logo, aparecem mortos nos palheiros. Maior é a nossa culpa!

*P. Américo!*

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

**ESCOLA** — Como é do conhecimento geral o Ensino Primário começou no passado dia 1 de Outubro. Em nossa Casa isso também aconteceu, e as nossas escolas entraram em plena actividade. Assim as ocupações na nossa Casa, da parte da manhã, estão reduzidas à cozinha, ao gado, às oficinas e escolas. Esperamos que, senão todos, a maior parte dos escolares acabe o ano com resultados positivos.

**OBRAS** — A restauração das paredes e tectos da casa-mãe já acabou. Este ano deu-se uma volta pela cozinha, sala de costura, camarata dos pequeninos, quartos das senhoras e por último o refeitório. Foi um trabalho que ocupou, durante alguns dias, quatro dos nossos, que deram desde a pintura ao verniz nas paredes e tectos da casa-mãe. Foi um trabalho que valeu a pena.

**PINHAIS** — Depois de uma interrupção de alguns dias, os grupos dos pinhais voltaram a fazer a sua tarefa, ou seja: uns carregam os ramos queimados para o tractor, outros descascam os ramos de eucalipto. Com o começo das aulas, interromperam outra vez o trabalho. Agora lá estão os pinhais queimados e farruscos à espera que as férias cheguem para recomençar tudo de novo.

**CASAMENTO** — Realizou-se no passado domingo, dia 10 de Outubro, mais um casamento de um dos nossos, o Zéquita com a Maria de Lurdes. Ele é nosso desde pequenino e veio cá para Casa com mais quatro irmãos, todos mais velhos. Também chegou a vez de formar a sua família; e esperamos que, cumprindo as promessas no altar, eles sejam felizes na vida conjugal.

**CONVÍVIO** — No domingo, 10 de Outubro, veio cá um grupo de jovens do Luso para conviverem connosco. Vieram de manhã, almoçamos juntos e à tarde jogaram uma partida de futebol com a nossa equipa, derrotando-nos por 1-5. Mas o resultado do jogo não interessou. O que

interessava era conviver da melhor forma que estivesse ao nosso alcance. Vieram, gostaram de estar connosco e nós gostámos da companhia deles e do convívio que nos proporcionaram.

Esperamos que grupos de jovens, como estes, venham também conviver connosco e se sintam alegres pela nossa companhia.

Chiquito-Zé

## Lar de Coimbra

De perto ou de longe a Casa do Gaiato continua a receber o «Lixo da rua». No vai e vem da vida o «Lixo» aproveita-se, transforma-se.

Pai Américo quis e quer a Rua limpa e que o «Lixo» não seja desprezado, mas transformado, aproveitado.

E a Casa do Gaiato tem dentro de si muita quantidade de «Lixo». Um transformado ou aproveitado, e muito outro por aproveitar.

O Lar de Coimbra já engloba um número que satisfaz os seus meios habitacionais. Poderá levar mais?

Através de Deus a Obra da Rua continua, e agora ainda é mais precisa! Porque será?

Penso que cada leitor saiba responder a esta pergunta. Nós todos, que vivemos nesta sociedade que caminha e descaminha, chegaremos a conclusões.

Trinta e três estudantes — oito deles novos — deram entrada no Ciclo Preparatório. Para eles é uma nova vida; para o resto do grupo, continuar mais uma subida nos degraus da escada académica.

Nove do 1.º ano do Ciclo Preparatório todos passaram ao 2.º ano. No 7.º Unificado, o Nuno e quatro colegas desfilam. O Nuno chegou há pouco, residia em Coimbra e nasceu em Lisboa. É muito parecido com o Manuel, o «Pardal», e tal nome já lhe era familiar. Mas o primeiro «Pardal» voltou.

Não sabemos, tem as suas razões. Agora tínhamos de dialogar e nos entender.

Todos os sectores, aqui em Casa, estão ocupados desde a 1.ª Classe até ao 12.º ano Unificado. Universidade falta; ainda se caminha, pouco

a pouco, com os problemas. As ambições são risonhas.

A casa teve que ser modificada em certos lugares: salas de estudo com mais carteiras; quartos melhor ocupados; mais roupa para lavar; alimentos, um grande problema — como em cada família.

Assim se vai andando, se caminha, se vive numa Obra que nunca pára. Bom ano!

Guido

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma mulher da chamada terceira idade com dois netos pela mão, aconchegados à saia de roda e ao chaille. Ambos nos dão um beijo. São duas crianças amorosas, mas traumatizadas. Só quem sofre ou sofreu, na meninice, o drama da Orfandade — em um País cuja problemática da Família está ainda por resolver — melhor avalia, em toda a extensão, o ar triste destes inocentes. É lembrança que não escapa; não pode escapar. Ai de nós se a olvidássemos!

Acariciámos os pequenos. Mudaram de tom e aproximaram-se mais de nós outros, felizes, com ânsia de carinho!

Deus levou o pai. Entretanto, também a mãe que se havia juntado a outro homem. A avó toma conta das crianças e, agora, depois de velha, faz o que pode — duas vezes Mãe!

Andamos com a pensão de sobrevivência às voltas: cartas lá, promessas cá; e o tempo passa! Quando é que os homens de Consciência Social — assim em caixa alta — resolvem estes casos específicos com rápidos aviamentos, ainda que tenham de alterar leis ou regulamentos? É um acto de Justiça Social que deveria ser pronta, eficaz — desde que se justifique pela certidão d'óbito, pelo documento de tutela.

● SOS duma recoveira dos Pobres, nossa vizinha: «Dei mil escudos a F. no mês de Setembro. Se a vossa Conferência pudesse dispor de mil por

mês, ela bem os gastaria no tratamento...»

Agora, outro auxílio — se puder ser: Um rapazito quer entrar para o Seminário. Quer ser Padre. São nove irmãos e os pais não têm grandes possibilidades. Eu já ajudei no enxoval...»

A Justiça e a Caridade não têm fronteiras. É Lição do Mestre!

Vamos botar a mão. E assoprar também a Fogueira das Vocações.

● Em tempos, quando descíamos uma encosta, de visita a uma família pobre, quedámos um nadita para apreciar a beleza que — mercê de Deus — o horizonte nos ofereceu. Quadro maravilhoso que nem sempre damos fé! Mas outros, que vêm de longe, de quadrantes longínquos, macerados pela civilização das torres de cimento, da poluição, das poluições, extasiam no Belo.

Atravessámos um ribeiro d'águas falantes, cujo ritmo e variedade de sons com certeza motivariam a criatividade musical de um qualquer génio da Arte dos sons, a entrar na alma da gente!...

Saltámos pedra sobre pedra como as aves a debicar. E, no campo ao lado, em pano verde de leira viçosa, topamos um vulto negro a ceifar erva em ritmo cadenciado. Mais adiante, um mocito despachado, já com uma gigada de pasto para o gado.

Pedimos licença para atravessar a leira, tendo a mulher dito que sim, levantando-se num rápido. Mas quer que a ouçamos! Ela é Viúva. Além

da problemática da viuvez — carências económicas, educação dos filhos... — sofre o duro calvário de uma filha débil mental. Encaminhámo-la para o tratamento, que deveria ter sido há muito — e não foi por acanhamento. Que pena!

Agora, outro problema: a terra que fabricam, a moradia que habitam naquela encosta, foram vendidas pelo dono e têm que abandonar o local. Então, filhos, vizinhos e amigos dão-se as mãos, fazem das tripas coração e estão a levantar uma moradia para abrigar a Viúva mais os filhos.

— Não é uma casa muito grande..., q'os dinheiros são poucos; mas chega p'ra nós todos.

Quer um pequeno auxílio:

— Eu já devia ter pedido uma ajuda... Mas a gente tem vergonha!...

Baixa a cabeça. Os olhos humedecem. Ajeita o lenço traçado mais o chaille. E continua o desabafo:

— Adei, os filhos ralham comigo: «A mãe não tenha vergonha...!» E foram eles, os meus filhos, que m'arrastaram...!

— Sossegue! Logo que a moradia chegue ao telhado — conte connosco. É um acto de Justiça!

— ... Eles não demoram a acabar as paredes, lá isso não, s'ó tempo melhorar.

Secaram as lágrimas. Os olhos falcaram. A cara muda de tom. E lá vai ela, desinibida, feliz, para junto dos seus.

— ... Oh, meu senhor, como Deus é grande!...

**PARTILHA** — Porto, Rua Clemente Meneses, 100\$00: «uma pequena ajuda, mas peço que... não venha n'º GAIATO». Fundão, dez vezes mais, em cheque, «ao qual darão o destino que melhor lhes parecer». Dez rands de Durban e um pedido: «Não agradeçam por carta; o porte do correio é tão caro e o dinheiro das estampilhas faz tanta falta a quem tanto precisa! Não quero que agradeçam o tão pouco que dou». Extremoz: «500\$00 em memória de minha querida Mãe e 200\$00 de uma amiga que precisa muito de orações». M. H., de Oeiras, 100\$00. Assinante 29559, de Guimarães, o dobro. Assinante 19035, da Maia, um vale de correio, «reconhecendo que a minha ajuda é como uma gota num oceano». Foz do Douro (Porto), 500\$00. Cheque de uma vicentina do Alto Minho, em cuja «terra quase não há pobreza». Damos graças a Deus! Assinante 14590, de Odivelas, 200\$00 «para acudir a qualquer necessidade — por alma de minha mãe». De um Missionário, «quase nas vésperas de regressar a Angola», sobras da liquidação da assinatura de O GAIATO que, diz, «é como uma lufada de ar fresco nas nossas terras tão quentes pelo calor do sol e por tantas guerras e sofrimentos». R. Esperança do Cardal, Lisboa, 1.000\$00 para a intenção que se propôs. Parede, outro cheque «para ajudar algum caso mais premente dos nossos Irmãos».

## Sonhemos todos

Sonhemos todos  
Que não há exército  
Nem guerra  
Nem infernos...  
Sonhemos todos  
Que só há Paz  
Em toda a Terra.  
Não é impossível...  
— Coragem!

Sonho, sonho...  
Que lindo sonho!

Sonhemos todos  
Que não há discriminações  
Nem inimigos.  
Sonhemos todos  
Que só há união  
E cooperação  
Entre todos os homens.  
Não é impossível...  
— Coragem!

Sonho, sonho...  
Que lindo sonho!

Sonhemos todos  
Que não há Pátrias  
Nem outros Marginais.  
Sonhemos todos  
Que só há respeito e dignidade  
Em cada peito  
Vivendo em Liberdade.  
Não é impossível...  
— Coragem!

Sonho, sonho...  
Que lindo sonho!



Não há Casa do Gaiato sem campo de futebol. Aqui está o da Casa-mãe da Obra da Rua — em Miranda do Corvo.



# Auto-construção

É um homem rude, de mãos calejadas, ansioso por casa digna: «Não quero viver com os meus filhos num barraco!...»

Tinha arrumado exigências legais — do loteamento ao projecto da moradia — para começar a obra em regime de Auto-construção, já exausto de andanças oficiais: «Tantos trabalhos, tanto tempo, tanto dinheiro q'a gente gasta nestas cousas!...»

Vai arrancar com a obra e desejava saber se, quando chegar à última laje de tecto, e colocada a armação do telhado, poderia contar com um pequeno auxílio dos fundos do Património dos Pobres para o chapéu da moradia. Tendo-se-lhe dito que sim — desde que respeite certos condicionaisismos — muda de semblante, respira alegria por topar uma pedra de salvação além dos amigos e familiares que darão a mão na obra que será

levantada por auto-financiamento ao longo do tempo.

O calvário deste pai de família inserido no meio rural — na generalidade tão marginalizado pela chamada **habitação social** (em vez de se combater o mal na origem atende-se às consequências...) — o calvário deste pai de família mexeu-nos a alma, o coração, apesar de afeitos a casos semelhantes, pelo seu desejo de promoção social. E a fogueira pacífica acendeu-se mais um tudo nada com o grito d'alma dum jurista cristão, que diz em letra de forma:

«Nunca é demais estar sempre a bulir com o problema da Habitação. Pela simples razão de que ele assume proporções alarmantes, com consequências tão graves para todo o Povo português, que merece tratamento diário.

O quadro é tão simples

quanto dramático. Uma casa com 3 ou 4 assoalhadas não custa hoje menos de 3000 contos. Quem os não tiver — e é a quase totalidade dos Portugueses — e tiver de recorrer ao crédito, não paga de juros, mensalmente, menos de 25 ou 30 contos, o que se traduz para a maioria da população na totalidade do seu rendimento, ou mais que isso.

Quem tiver de arrendar uma casa para estabelecer a sua residência — continua o jurista — não a consegue hoje por menos de 15 a 20 contos mensais, e é se tiver sorte de a encontrar.

As perspectivas para os jovens casais são sombrias nesta matéria, pois querendo legitimamente constituir a sua família e o seu lar, não encontram casas que lhes quei-

ram arrendar a preços acessíveis...»

Apesar de bloqueados, muitos valentes da região de Entre-Douro-e-Minho continuam a desenrascar-se como podem, erguendo moradias em regime de Auto-construção parcial ou total, com ou sem empréstimos! «Não quero viver com os meus filhos num barraco!...» — desabafa aquele homem rude. E outros que vegetam na mansarda dizem o mesmo; vozes pacíficas que não ultrapassam as ameias de latas e tábuas que nem sempre aguentam a chuva que Deus dá...

Para finalizar, retomemos o trabalho sobre a Auto-construção em França, referido nas últimas edições. A articulista cita um Auto-construtor francês «que faz ponto de honra de fazer tudo. «Com este método — sublinha ele — tenho a vantagem do auto-financiamento: quando uma construção dura dez ou mais anos, não há necessidade de empréstimo. Não compreendo

porque não há mais gente a fazer esta escolha...»

Comenta a jornalista: «A explicação reside sem dúvida nas dificuldades inerentes à Auto-construção: todo o tempo livre, noites, domingos e férias, aí investidos. Sem contar com as dificuldades administrativas (para obter a licença de construção). E poucos são os engenhosos que se podem gabar de uma competência em todos os domínios da construção, do trabalho com betão à instalação eléctrica, passando pela carpintaria e canalizações. «Sou de origem modesta e gosto do trabalho manual» — esclarece o Auto-construtor — mas reconheço que os meus conhecimentos técnicos me serviram de muito...»

Hoje, que o Mundo não tem fronteiras, é sempre muito útil, nesta matéria, a opinião, a experiência de outros quadantes!

Júlio Mendes

## POBRES

Em breve entrevista de rua — publicada num jornal diário — o reporter inquiriu um Trabalhador que «ganha a vida como empregado de escritório»:

— Que mais o preocupa neste momento?

Pronta resposta:

— A situação dos Pobres! Não sou contra a que haja pessoas ricas — acrescenta o entrevistado — mas os Pobres bem poderiam ser um bocado menos pobres...

Para nós, a opinião deste

português — nesse dia, àquela hora, naquele jornal — sobre pôs-se a todos os **fait-divers**, a todas as parangonas sobre o Mundo em ebulição que enchem as páginas da Imprensa.

Foi um espontâneo depoimento de inquietação cristal. Entrou a fundo, com simplicidade, sem filosofia barata, no âmago do problema comum a todas as latitudes. E revelou, ainda, em tintas fortes, como entre os portugueses há opinião formada sobre a problemática dos Pobres.

Ai de nós se não houvesse!...

Júlio Mendes

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — O futebol é o ponto mais alto das nossas actividades desportivas, mas já há algum tempo estamos parados por falta de competição. Pedimos às equipas interessadas em defrontar-nos que escrevam ao Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Agradecemos a vossa colaboração. O Desporto é uma festa!

**VINDIMA** — Os dias de chuva que sofremos durante a vindima prejudicaram, um pouco, o andamento alegre da faina, que é um acto alegre, bem disposto.

Contudo, a vindima terminou com uma boa colheita — além das previsões — apesar do mau tempo que havia estragado, por completo, muitas videiras.

Colhemos 55 pipas de vinho, branco e tinto. E ainda bem que, depois do susto, surge a compensação. Graças a Deus!

Carlos Alberto

**PADRE MANUEL ANTÓNIO** — O nosso Padre Manuel António está em Portugal. Chegou a altura de um pouco de repouso e consolação. Aliás, desejávamos, há bastante tempo, a sua presença entre nós, pois tem sido um alicerce firme da Obra da Rua em terras de Angola.

Boas férias, Padre Manuel António! E recupere do esforço dispendido em mais estes dois anos de ausência em terras quentes de África.

**FAXINAS** — Todos os anos, com o início dos trabalhos escolares, surgem alterações na nossa vida doméstica. Uma delas, a mudança de faxinas, que, para alguns, é uma data desejada e para outros altura de preocupação, aguardando a todo o momento nova escala de mudanças...

O trabalho tem de ser desempenhado por nós, de tal forma que temos de ser nós a fazer o que em todas as famílias é o vulgar trabalho de uma Mãe.

Pois que todos se sintam bem nos locais de trabalho, desempenhando-o com todo o gosto e dedicação. Somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes!

# AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

tendência para se exacerbar o sentido duma falsa independência, eximindo-se à participação nas despesas do agregado familiar e, infelizmente, se possível, aumentando as exigências. Ora, se há casos onde os chefes de família podem prescindir de qualquer contributo material dos filhos, deve-se ter sempre em conta se o uso dos valores é negado ou se há o sentido da poupança, com um fim útil à vista. Viver como parasita não tem sentido. Seria escravizar outros em nome de uma pseudo-liberdade, fazendo deles criados às ordens.

É preferível e de elementar justiça que cada um dos membros da família assumam as suas

responsabilidades, segundo os seus réditos ou capacidades, mesmo nas famílias com maiores possibilidades. É que a todo o momento, os pais poderão suprir ou fazer face a necessidades mais prementes ou pontuais. Ao contrário, criam-se em muitos casos hábitos de vida inoportunos, com repercussões imprevisíveis no futuro.

Vamos exemplificar: Supunhamos que um jovem ganha 10 a 15 contos por mês e que os pais, talvez com sacrifício, decidem, todavia, dispensar qualquer contribuição ou não são capazes de a exigir. O jovem continua a habitar o lar paterno, a vestir e a calçar, muitas vezes à custa dos pais, comendo e recebendo o tratamento comum. Tudo somado

corresponderá a um vencimento de 16 a 25 contos limpos. Quando um jovem nestas condições tiver de tomar as rédeas da vida o que lhe sucederá? Sendo, efectivamente, pobre, mas com hábitos de rico, não terá facilidades de adaptação às realidades e terá de continuar a recorrer aos sacrificados pais ou a seguir caminhos menos honestos, com espírito de revolta à mistura.

O problema acima exposto também tem de ser equacionado em nossas Casas; não, certamente por critério único, porque há casos e casos, mas segundo os princípios gerais expostos, tendo em vista também que a participação nos encargos materiais, a ninguém dispensa, numa visão autenticamente familiar, de atender aos restantes aspectos e interesses comuns. O contrário seria inconcebível até porque prevalece ainda o recurso à generosidade dos nossos Amigos e é preciso formar homens com personalidade, conscientes dos seus deveres e das suas responsabilidades.

● A venda de O GAIATO representa para nós um grande quebra-cabeças. Estamos em vésperas de tomar decisões drásticas, que levarão, certamente, à sua supressão nas ruas de Lisboa, deixando-a apenas para as portas das igrejas, ao domingo. No próximo número diremos algo sobre o assunto.

Entretanto, aconselhamos os nossos Amigos da Capital a fazerem uma assinatura de O GAIATO, remetendo para o Tojal ou para o nosso Lar de Lisboa a respectiva importância, arbitrada, no momento, em cento e cinquenta escudos anuais.

Padre Moura

Padre Luiz

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

■ Vamos continuar a falar de outros filhos... da terra de Matosinhos: Há dias, chegaram de lá dois pequeninos irmãos. Umas caritas simpáticas, queimadas do sol, do mar... Encontro-os a dialogar numa certa intimidade, pela nossa avenida fora.

Responde o mais velho — com o rasgo das ondas da sua terra:

— É ele a dizer que quer ir para ao pé da mãe...!

Que resposta a estes cinco anitos já vívidos longe da mãe — incapaz!...

Carinho é uma palavra que responde, aqui, mais do que todas as palavras do Mundo!

Outro pequeno incidente destes «irmãos de Matosinhos»: Já noite alta, o Costa vai

ao salão de festas. Ouve rufidos no palco. Investiga. Por fim, depara com os dois «actores» metidos numa caixa, aconchegados!

A realidade posta ali, no palco da vida humana!...

Por causa da idade, um ficaria num quarto dos «Bata-tinhas»; o outro, na casa 4 de baixo. Portanto, separados. Mas eles não aguentaram esta separação, que lhes pareceu mais desumana do que a primeira — a da mãe.

Em suma: Quiseram dizer-nos que não há leis nem regras que devam separar os irmãos uns dos outros, os homens uns dos outros. Se não..., uma pequenina caixa, escondida no palco, dá bem para fazer a Festa da União!

Eles, aqui, são casos de grandes lições. E, lá, foram rejeitados. De quem é a culpa? Deles não!

# Ainda a reedição do «PÃO DOS POBRES»

Nunca é demais o repicar do sino pela reedição do 2.º e 3.º volumes do **Pão dos Pobres** (4.ª e 3.ª edições, respectivamente)!

O repique soa longe (lá iremos!) e até motiva os nossos Amigos a rever, em suas casas, na estante ou na mesinha de cabeceira, falhas de outras obras da nossa Editorial: **Isto é a Casa do Gaiato, Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina, Lodo e as Estrelas**, etc.

A hora do correio é sempre uma hora deliciosa! Do avio de correspondência ao preparo das remessas pelas mãos frágeis do Carlitos angolano, que partiu agora mesmo para a estação dos CTT, cumprindo a sua adorável missão diária.

No entanto, como tivemos de compulsar as primeiras edições de **O GAIATO** (década de 40) por mor do 4.º volume do **Pão dos Pobres**, a sair oportunamente, se Deus quiser — logo após o **Obra da Rua** já em preparação — e como estamos em maré de delícias, os nossos olhos pecadores recordaram, com prazer d'alma, pequeninas notas de Pai Américo comunicando à sua moda, no seu estilo peculiar, que **«O Pão dos Pobres é um livro do Padre Américo que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta. Adquirá hoje o livro!»**

Naquele tempo, lembramos perfeitamente, este ponto de imagem — da singela promoção ao brado final — conquistava muitos leitores, apesar de não termos os meios de que hoje dispomos. Então, quando seguíamos para a venda do jornal, levávamos debaixo do braço volumes do **Pão dos Pobres**, especialmente na época termal e balnear. O lançamento destes livros — para nós, primeiros distribuidores de **O Gaiato**, estimulados por Pai Américo — era mais um aliciente na conquista de apaixonados pela **Obra da Rua**. Faz-nos bem reviver esse tempo, qual vitamina indispensável ao dia-a-dia, à projecção da **Obra** que nos deu o ser — e que dá e dará a tantos outros.

Soa longe o repique do **Pão dos Pobres!** E acorrem Amigos de toda a parte, cujas ressonâncias gostaríamos de pôr sobre o alqueire!

Setúbal:

**«Junto 500\$00 para dois livros do Padre Américo que me foram enviados. Lamento profundamente não enviar maior valor, mas não posso. Vivo só e do meu trabalho.»**

A leitura dos livros prende-me imenso! São obras que todos deveríamos ler para aprendermos a **Palavra do Evangelho**.

No próximo mês pedirei mais dois, pois quero completar esta colecção para mim tão maravilhosa.»

Ribeira de Pena:

**«Recebi com infinita alegria espiritual os 2.º e 3.º volumes do Pão dos Pobres, de Pai Américo. Eles fazem chorar lágrimas de sangue, por tanto que nós todos deixamos de fazer...!»**

Oeiras:

**«Junto um cheque de 1.000\$00 para dois exemplares do 3.º volume do Pão dos Pobres.»**

Sou assinante da vossa Editorial, mas o outro volume é para uma pessoa amiga que está muito interessada em o possuir. Eu já tenho todos os livros da vossa Editorial; mas sempre que reeditem algum, podem continuar a mandar pois ofereço-o sempre a qualquer pessoa amiga para que tome conhecimento da **Obra** que nos legou o nosso tão querido Pai Américo, que tive a dita de conhecer pessoalmente.

Ah! que se todos seguissemos os ensinamentos de Pai Américo, como o Mundo seria bem melhor! Mas o egoísmo é que importa... Por isso, aí de nós quando chegar a hora de prestarmos contas ao Senhor, Ele que disse que um copo de água dado em Seu Nome não ficaria sem recompensa...!

Ainda no domingo passado o Evangelho me fez reflectir: De que valem os valores do Mundo que são roídos pela traça e pela ferrugem e a ninguém aproveitam? Mais vale acumular tesouros no Céu. Mas é tão difícil o desapego ao nosso bem-estar e o pecado do egoísmo é tão difícil de combater...!»

Pai Américo diria: E mais e mais e mais! Temos de ficar por aqui...

Júlio Mendes

## Lar Operário em LAMEGO

**«É só tirar a terra...»** Foi este pensamento que deu força àquela família para começar a construção da casa. Em bem pouco se fundamentava a sua esperança! Abrir uma vala para os alicerces e surgir um sonho admirável e confortante que deixava ver as paredes levantadas, um tecto a abrigá-los da chuva, e por certo o sol a reflectir-se nas janelas. E o que não passava dum castelo de espuma, foi uma realidade. As contas saíram certas. A casa está quase no fim. Como foi isto? É melhor não dar resposta.

Eu diria, porém, que foram olhos bondosos que souberam ler a notícia, deixaram-na cair no coração e deram recado pessoalmente ou pelo correio. Tudo certo. Agora até os gémeos se desenvolvem melhor e a mãe, porque tem espaço, não precisa de andar com o berço de canto para canto. Ela já me veio falar numa cama porque os meninos «estão crescidinhos». E porque o amor se dilata e se

mir num curral. O pai que, enfurecido, matou a mãe e está na cadeia. Mães que andam na prostituição das estradas e os pais negoceiam em mulheres. O pai que se juntou com uma rapariga nova e deixou a mulher com cinco filhos pequenos. A mãe que matou o amante por ele não lhe trazer um garrafão de cinco litros de vinho. O pai que ficou viúvo e paralítico. A mãe doente mental com necessidade de internamentos periódicos. O pai triste com a vida da mulher pós termo à vida e agora foi a mãe a falecer no hospital. A mãe ficou viúva muito cedo e as necessidades da vida empurraram-na para junto de homem idoso que não quis os filhos que ela já tinha. E mais e mais e mais! São marcas sujas misturadas neste estendal de roupa suja.

Que havemos de fazer? Limpar. Limpar-lhes as roupas. Limpar-lhes os corpos. Limpar-lhes os corações. Limpar-lhes as almas. Limpar-lhes as vidas. Limpar também os nossos corações. Amar com Amor de Jesus Cristo.

Padre Horácio

## TRIBUNA DE COIMBRA

Estendal de roupa suja. Cobertores a escorrer. Lençóis a pingar. Colchões encharcados ao sol. Eles a esconder pijamas debaixo das camas e a atirar outras roupas pela janela fora.

As senhoras aflitas com «estes pobres... pecantes». Os chefes a dizer que «muitos é de propósito». Tem sido uma amargura grande na organização de mais um ano escolar que começou!

São os «mijados». São uma legião! Ouvi dizer que todos os últimos que vieram fazem chi-chi na cama. Quem há-de lavar e mantê-los limpos? O Guido, muito desanimado disse que tinha noites que os chamava seis vezes; e, mesmo assim, alguns faziam na cama! São carências familiares. É fome de amor de mãe. São traumatismos. São complexos. São atrasos mentais. É a preguiça. É o abandono da personalidade. São eles as vítimas!

Custa-nos tanto ver este estendal de roupa suja! Por detrás da roupa suja vejo-os a eles e vejo aqueles que os geraram.

A mãe que, para receber homens, punha os filhos a dor-

## Do que nós necessitamos

Excursão da Vera Cruz, Aveiro, com 3.550\$. De Armandina 5.000\$, pedindo orações. Amigo de Portalegre, com os mil escudos mensais. 2.000\$ por alma de Rosa Couto. De J. D. A., 1.500\$ por uma intenção especial. De Fafe, 10.000\$ de Entardecer. 50\$ entregues no Lar do Porto, fruto dum empréstimo casual a uma senhora que, ao querer restituí-los, não sabe a quem. E 5 contos do Bairro do Carriçal. E cheque de 10.000\$ de Águeda. Da Lígia, 1.000\$ e 1.500\$. Assinante de Monte Estoril com 200\$. Por alma de Francisco Almeida e Pais, 1.000\$. E cheque de 5.000\$ de R. António Cardoso, de várias mensalidades voluntárias.

Da «mãe que crê em Deus», 200\$. 500\$ por alma de Marina. 5.000\$ de Guimarães. Casal de Aveiro com 3.000\$, destinados ao Calvário. Por intenção de seus familiares, 1.000\$ de Maria Amélia. 500\$ de Rio Tinto. Por uma graça, 200\$ de Oliveira de Azeméis. 500\$ de Ermesinde. Vale de 2.000\$, de Lisboa, «lembrança para as férias». Ainda para férias, 1.000\$ de Miguel. «Migalhas» de 100\$, de um guarda-fiscal. 1.810\$ da Rua Anselmo Braancamp. Anónimo de S. Lázaro com 1.000\$. Mais 500\$ por alma de José Branco. Cheque de 10 contos, de Leiria. 1.000\$ de Lina. 5.000\$ do Porto. E 500\$ de Torres Vedras. A presença muito assídua da Av. João XXI com 3.000\$. E do mealheiro existente no busto de Pai Américo no átrio do Teatro Sá da Bandeira (Porto), 18.500\$. Recordamos, com gratidão, aquele que foi seu empresário e muito nosso amigo, que já partiu para o Além.

Por alma de Beatriz, 500\$ de sua sobrinha Rosa Celeste. 10 contos de Valongo. 200\$ do Porto. Igual quantia da Rua Duque da Terceira. 500\$ de anónimo. E 1.000\$ da Rua Costa Cabral. Por alma de Conceição da Silva Costa, 5.000\$. Encomenda e 500\$, da Chamusca. Mais 100\$ de anónima.

difunde não lhes tem faltado o leite.

As duas cartas que vieram da Pr. Velasques, do Porto, disseram sempre «conto voltar». Da rua Melo, veio mesmo uma Estrela que brilhou intensamente e fez caminhar a obra.

Haverá ainda algumas facturas em atraso; mas, «sem prometerem voltar», contamos que apareçam os da primeira hora, ou outros, para chegarmos aos acabamentos.

Padre Duarte

Manuel Pinto



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 957285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa